

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CÂMPUS MUZAMBINHO**
Curso Superior de Licenciatura em Educação Física

LENA PACHECO DOS SANTOS

**SENTIDOS, SIGNIFICADOS E SENSAÇÕES: PERCEPÇÕES
DE ADOLESCENTES PRATICANTES DA DANÇA DE SALÃO**

LENA PACHECO DOS SANTOS

**SENTIDOS, SIGNIFICADOS E SENSAÇÕES: PERCEPÇÕES
DE ADOLESCENTES PRATICANTES DA DANÇA DE SALÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. MSc. Daniela Gomes Martins Bueno

**MUZAMBINHO
2013**

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, ____ de _____ de 20__

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de graduação à Deus, que nos permite existir e nos dá força para continuar esta jornada. Aos meus pais Maria Helena e Sérgio Francisco, as pessoas mais importantes em minha vida; por me amar, me encorajar, apoiar, incentivar, por tantas renúncias e extrema dedicação ao longo de toda vida, devo a eles o fato de ter chegado até aqui. Aos anjos colocados em meu caminho, os que chamo de verdadeiros amigos, meus maiores tesouros, pois, me influenciaram durante esse percurso, torcendo por meu amadurecimento e por minha felicidade.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, por me dar sabedoria, oportunidade de viver, paciência e fôlego de vida a cada amanhecer, que esteve e sempre está do meu lado me amparando nos momentos de desespero e me dando força para superar todos os obstáculos mortais possibilitando o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus familiares: pai, mãe, irmãos, namorado e amigos que participaram direta ou indiretamente deste trabalho, ao ouvir-me e auxiliar-me nos momentos decisivos de minha vida.

Aos meus amigos de turma por todos os trabalhos que fizemos juntos, por todas as festas que estávamos presentes rindo e até mesmo chorando sem ou com grandes motivos, pelo colo e pelas conversas nos momentos de tristeza.

Ao meu companheiro (Rafael Perri), que me ajudou na coleta dos dados e durante esses anos de faculdade tem sido meu amigo e juntamente comigo chorou e riu muitas vezes neste percurso acadêmico e da vida com muito amor e carinho. Aos Professores (as) que continuamente estiveram presentes em minha formação acadêmica, em especial à professora Daniela que me orientou nesta pesquisa e desde o primeiro momento acreditou/ confiou em meu potencial.

E por último, e não menos importante, agradeço à Dança, pois foi por ela que eu cheguei até aqui, sem ela nada disso seria possível.

EPÍGRAFE

“Eu louvo a Dança”

Louvada seja a dança,
Ela libera o homem
Do peso das coisas materiais,
Para formar a sociedade.

Louvada seja a dança,
Que exige tudo e fortalece
A saúde, uma mente serena
E uma alma encantada.

A dança significa transformar
O espaço, o tempo e o homem.
Que sempre corre perigo
De se perder ou somente cérebro,
Ou só vontade ou só sentimento.

A dança porém exige
O ser humano inteiro,
Ancorado no seu centro,
E que não conhece a vontade
De dominar gente e coisas,
E que não sente a obsessão
De estar perdido no seu ego.

A dança exige o homem livre e aberto
Vibrando na harmonia de todas as forças.

Ó homem, ó mulher aprenda dançar
Senão os anjos no céu
Não saberão o que fazer contigo.

Augustinus (Santo Agostinho), 354 – 430 d.C.

SANTOS, Lena Pacheco. Sentidos, significados e sensações: Percepções de Jovens praticantes de Dança de Salão. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Educação Física). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais. Câmpus Muzambinho, Muzambinho, 2013.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar as contribuições da Dança de Salão na construção da identidade de adolescentes. A amostra foi composta por 73 alunos do ensino médio da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida do município de Muzambinho/MG. A pesquisa se deu com a aplicação de aulas de Dança de Salão e os resultados foram coletados por meio de memoriais descritivos produzido pelos alunos no começo e no final do projeto. Os dados coletados foram comparados e discutidos com base na bibliografia norteadora da pesquisa. O estudo foi dividido em três capítulos sendo o primeiro os conceitos e aspectos históricos da dança e da dança de salão. No segundo foram caracterizados os adolescentes e dança na escola e no terceiro capítulo abordou-se a dança nas aulas de Educação Física e suas implicações na construção da identidade dos adolescentes. Já nas considerações finais apresentamos a Dança de Salão como uma excelente ferramenta a ser utilizada na escola, pois trabalha a socialização e desenvolve o relacionamento interpessoal dos alunos, contribuindo assim para a formação da identidade dos adolescentes.

Palavras-chave: Dança, Educação Física, Identidade

SANTOS, Lena Pacheco. Senses, meanings and feelings: Perceptions of Young practitioners Ballroom Dancing. Completion of course work (Full Degree in Physical Education). Federal Institute of Education, Science and Technology of the South of Minas Gerais. Câmpus Muzambinho , Muzambinho, 2013.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the contributions of ballroom dancing in the construction of identity in adolescents. The sample was comprised of 73 high school students from the State School Teacher Salathiel de Almeida municipality of Muzambinho/ MG. The research was the application of lessons ballroom dancing and the results were collected through descriptive memorials produced by students at the beginning and end of the project. The collected data were compared and discussed based on the literature guiding the research. The study was divided into three chapters with the first concepts and historical aspects of dance and ballroom dance. The second was characterized adolescents and dancing in school and in the third chapter took up dancing in Physical Education lessons and their implications in the construction of the identity of teenagers. Already in the final considerations present the Ballroom Dancing as an excellent tool to be used in school because it works socialization and develops students' interpersonal relationships, contributing to the identity formation of adolescents.

Keywords: Dance, Physical Education, Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.CORPO EM DANÇA: CONCEITOS E ASPECTOS HISTÓRICOS.....	12
1.1.Movimento, ritmo e dança.....	12
1.2.A dança e sua trajetória.....	14
1.3.A Dança de Salão como forma de manifestação da cultura corporal.....	18
1.4.Gêneros da Dança de Salão.....	21
2.O ADOLESCENTE E A DANÇA NA ESCOLA.....	24
2.1. Caracterizando a adolescência.....	24
2.2. Sentidos da prática da Dança na escola.....	27
3.CAPÍTULO 3 - A DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO.....	32
3.1.Aspectos Metodológicos.....	32
3.2. As aulas.....	33
3.3.Resultados e Discussão.....	35
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

A dança, como manifestação da cultura corporal, faz parte da humanidade desde os tempos primórdios, estando presente em quase todas as civilizações.

Conheci a dança, especificamente a de salão em 2006, foi amor à primeira “vista”. Sempre fui uma pessoa tímida e este jeito de ser me prejudicou em vários aspectos; na escola, no trabalho, enfim em todas as formas de socialização, mas quando dançava me transformava em uma pessoa mais confiante e alegre, por este motivo nunca mais deixei de dançar e a dança tornou-se o tema principal em minha vida.

A motivação para este trabalho surgiu da percepção dos efeitos da dança em minha própria vida e a necessidade de ampliar os estudos científicos sobre a Dança de Salão no ambiente escolar.

Entretanto, através de diversas vivências enquanto aluna na Educação Básica e, posteriormente realizando os estágios obrigatórios em todos os níveis de ensino da educação básica durante o curso de Licenciatura em Educação Física, foi possível perceber que não é atribuída à Dança a mesma importância que é atribuída às atividades esportivas. Isto impossibilita a aprendizagem da Dança e a oportunidade dos alunos vivenciarem as possibilidades das relações interpessoais, que são extremamente importantes para a vida. Diante disso, e tendo como hipótese que a dança pode contribuir para a formação da identidade dos alunos por desenvolver as relações interpessoais, este trabalho tem como objetivo investigar quais as possíveis contribuições da Dança de Salão para a construção da identidade de adolescentes.

A Dança de Salão como proposta de trabalho nas aulas de Educação Física no Ensino Médio se justifica, pois ela “agrega o convívio social à sua prática que pode servir de instrumento para ações cooperativas” sendo importantes para a construção dos indivíduos em suas relações interpessoais e intrapessoais (VOLP, 2010, p. 4). A Dança proporciona aos estudantes formas diferentes de comunicação corporal, expressando sentimentos e pensamentos e contribui em vários aspectos para o desenvolvimento humano, pois ela tem papel educacional, social, cultural e artístico.

Para a consecução do objetivo proposto, realizamos uma intervenção

durante dois meses ministrando aulas de Dança de Salão para os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida do município de Muzambinho/MG. Os resultados foram coletados por meio de memoriais descritivos produzido pelos alunos no começo e no final do projeto onde estes manifestaram os sentidos, significados e sensações que alcançaram com a Dança de Salão. Os dados coletados foram comparados e discutidos com base na bibliografia norteadora da pesquisa.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a importância do movimento no desenvolvimento do homem e a Dança como manifestação cultural e forma de comunicação entre os homens; nele são abordados aspectos históricos e os significados da Dança e da Dança de Salão na sociedade. No segundo capítulo apresentamos as características da adolescência e a importância do conteúdo Dança nas aulas Educação Física. Por fim, no último capítulo tratamos das contribuições da Dança de Salão para a formação dos adolescentes por meio da intervenção realizada na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida.

CAPÍTULO I - CORPO EM DANÇA: CONCEITOS E ASPECTOS HISTÓRICOS

1.1 - Movimento, ritmo e dança

Fazendo uma retrospectiva histórica é possível perceber que o movimento é instrumento básico de adaptação ao meio e através dele o homem realiza um diálogo com o mundo em que vive (VARGAS, 2007. p. 64). Desde o nascimento, de acordo com Nanni (1995a), o homem utiliza o movimento, como linguagem para comunicar suas necessidades, sentimentos e emoções corroborando com as palavras de Vargas (2007) que afirma que o movimento “possibilita que o ser humano aprenda sobre o meio social em que vive e sobre si mesmo”.

Toda e qualquer forma de expressão: falar, escrever, cantar dançar, dramatizar, dentre outras, utiliza o movimento como veículo para se materializar (SCARPATO, 1999). Laban confirma quando diz que

O corpo é nosso instrumento de expressão por via do movimento. O corpo age como uma orquestra, na qual cada seção está relacionada com qualquer uma das outras e é uma parte do todo. As várias partes podem se combinar para uma ação em concerto ou uma delas poderá executar sozinha um certo movimento como “solista”, enquanto as outras descansam. Também há a possibilidade de que uma ou várias partes encabechem e as demais acompanhem o movimento (LABAN, 1978 p.67).

O homem se movimenta com o objetivo de suprir uma necessidade; se é dirigido para algum objeto tangível é fácil perceber a finalidade do movimento, pegar uma caneta, por exemplo. Por outro lado o movimento também pode ser inspirado em valores intangíveis, como expressar um sentimento por meio do movimento (LABAN, 1978); o mesmo afirma Scarpato (1999) quando apresenta que o homem é um ser que se constitui de corpo, mente e sentimentos, e que o movimento é a junção entre a vida mental, física e espiritual; a manifestação exterior de um sentimento interior.

Ao movimentar-se o homem se relaciona com as pessoas e objetos que fazem parte de seu cotidiano, cada gesto realizado expressa sentimentos, pensamentos e intenções, assim, na medida que percebemos o movimento como essência da vida e que todas as formas de expressão utilizam o movimento como instrumento, entendemos a importância do mesmo (LABAN, 1978).

A evolução, o domínio, a aprendizagem do movimento corporal, segundo Nanni (1995a), acontece com o passar do tempo, o homem explora os movimentos do seu corpo, através de gestos, expressões, ações cotidianas, e passa a adquirir mais controle sobre o seu próprio corpo adaptando-se às possibilidades de interação com o mundo.

No intuito de definir o movimento, Laban (1978) diz que este ocorre, quando o corpo ou partes dele se locomovem de uma posição a outra traçando formas no espaço. Para o autor, há quatro fatores que juntos compõem o movimento: peso, espaço, fluência e tempo. Estes quatro fatores estão presentes durante todo o processo em que a ação, produção e criação da dança acontecem. Entende-se que o peso, na dança, pode ser traduzido no ato leve ou pesado; o espaço influencia a direção, a forma e o tamanho; já a fluência acontece em gestos livres e controlados, e por último, o tempo, que pode ser lento ou rápido.

Os movimentos também podem ser analisados quanto ao “andamento” que se refere à velocidade em que este acontece, podendo ser rápido, médio ou lento; quanto à “duração” está relacionado com o tempo ou quantidade de vezes que o movimento é executado; e “intensidade” que são os movimentos enérgicos ou suaves, fortes ou fracos (NANNI, 1995a).

Em dança, o movimento está diretamente ligado ao ritmo e o ritmo intimamente relacionado à vida, à natureza, ao cotidiano. O movimento do coração que bate para nos manter vivos é ritmado, o movimento das pernas durante uma caminhada mantém em momentos ritmos mais lentos e em momentos ritmos mais acelerados, o movimento do tórax enquanto respiramos apresenta ritmo; são estes ritmos que nos mantém vivos e atuantes na vida (ARTAXO; MONTEIRO, 2008).

O ritmo no movimento, conforme relata Vargas (2007), caracteriza-se pela alternância entre tensão e relaxamento, pela ação e contra-ação o que resulta na continuidade e fluência.

Segundo Artaxo e Monteiro (2008) o ritmo pode ser diferenciado quanto a sua estruturação: ritmo individual, ritmo grupal, ritmo mecânico, ritmo disciplinado e ritmo refletido. As autoras definem o ritmo individual como característica própria de cada pessoa, podendo abranger outros ritmos (biológico, de amadurecimento, de aprendizagem); o ritmo grupal é caracterizado pela forma coletiva mais adequada de igualar um movimento, podemos observá-lo na dança, na ginástica rítmica, no nado

sincronizado; o ritmo mecânico é invariável, uniforme, característico das máquinas (ventilador, relógio, máquina de lavar roupa); o ritmo disciplinado é pré-determinado; e o ritmo refletido é a reflexão sobre a métrica, quando ouvimos e percebemos uma célula rítmica são enviadas informações rapidamente ao Sistema Nervoso Central para respondermos corporalmente.

Temos como exemplo de atividade rítmica, a dança, que utiliza o corpo e o movimento como instrumento, apresentada por Vargas (2007) como uma manifestação instintiva do ser humano. Nanni (1995a) se utiliza de outras palavras para definir dança, segundo a autora, dança é a alternância ou variação no tempo e no espaço usando diferentes formas e movimentos através de um ritmo.

Através de uma perspectiva de dança como expressão e comunicação, Nanni (2003) define a dança enquanto linguagem. Para a autora, o corpo tem uma linguagem própria inerente e ao mesmo tempo complementar à linguagem oral e a dança utiliza essa linguagem para comunicar e expressar através do corpo. A dança composta por formas e passos que são unidades significativas organizadas no tempo e no espaço por um discurso não-verbal de valor estético chamado de coreografia ou arte de dançar.

Ampliados os conceitos necessários para compreensão do corpo em suas manifestações (movimento, ritmo e dança), torna-se imprescindível conhecer a seguir a evolução da dança no intuito de entender toda a trajetória de desenvolvimento até a sua configuração atual.

1.2 - A dança e sua trajetória

Observando a trajetória da dança, percebemos que a esta faz parte da humanidade desde os tempos primórdios, estando presente em quase todas as civilizações. Sborquia (2002) expõe que em um momento anterior à construção de abrigos, produção de utensílios, instrumentos ou armas e antes de polir a pedra, o homem já dançava batendo pés e mãos ritmicamente para se aquecer e comunicar. Esta dança imitava os movimentos dos animais com o objetivo de atraí-los para o ataque, imitava também seu acasalamento com o intuito de multiplicar a espécie. As danças primitivas foram utilizadas em rituais, como explica Nanni (2003) os acontecimentos da natureza, caracterizado como sobrenaturais e relacionados à vontade dos deuses, eram de origem desconhecida para o homem primitivo que

preocupado com a sobrevivência passou a sentir a necessidade de controlar a natureza, dedicando momentos de agradecimentos, pedidos de proteção e conquistas.

Em todas as épocas, a dança é e sempre foi representação de manifestação dos povos (NANNI, 1995b), Ciola (2008) completa esta afirmação ressaltando que cada povo desenvolveu seu modo de dançar (seus gestos específicos) caracterizando as diferentes culturas que existem.

Em Esparta, os jovens praticavam uma espécie de ginástica rítmica que lhes proporcionava o desenvolvimento da agilidade e resistência necessárias para a vida militar. Considerava-se a dança uma atividade de grande importância para a preparação corporal, acreditava-se que os melhores dançarinos eram também os melhores guerreiros (NANNI, 1995b). Segundo a mesma autora, em Atenas, era considerado educado somente o homem que dentre outras características, soubesse dançar.

Para os romanos a dança se distinguiu de acordo com os três períodos: a monarquia, a república e o império. Na monarquia, dominada pelos etruscos, desenvolviam as danças religiosas e agrárias, assim como na Grécia, porém, as danças com armas foram predominantes. Na república, com a influência helenística, as danças de origens religiosas haviam sido totalmente esquecidas, pois, com essa mudança de governo, ela tornou-se uma arte de prazer. Já no império, a dança reconquista o interesse geral, que foi dominada pelos jogos circenses (NANNI, 1995b).

Na Idade Média, período também chamado pelos renascentistas de “Idade das Trevas”, como apresenta Vargas (2007), a Igreja reforça a dualidade entre corpo e mente que se opõe ao espírito e aos sentidos, acreditando que a formação espiritual seria a única e necessária ao homem, o alimento da alma. Assim a dança perdeu sua força já que a igreja considerava o corpo um empecilho à vida, “coisa do diabo”. “Teatro e a dança foram condenados, e o batismo era negado aos artistas e as seus filhos que atuavam no circo e na pantomima” (VARGAS, 2007 p.20).

Neste contexto, a dança deixou de estar presente, hibernando por vários séculos até ressurgir no Renascimento, com características de dança espetáculo, sendo apreciada pela nobreza. Neste período, a dança sofre influências das ideias humanistas e contraria os ideais da Igreja na Idade Média, emprega um conceito de

beleza em que o corpo e o espírito deveriam formar um todo harmonioso (NANNI, 1995b). Em uma obra mais recente, Nanni (2003, p.102) complementa afirmando que

nesta perspectiva, a dança, que expressara os hábitos e costumes dos povos e emoções e sentimentos do ser humano, encontrava-se agora aprisionada em uma “camisa de força”, formada por uma técnica rígida, com passos codificados, tornando-se representante dos interesses e da hegemonia da classe dominante e conservadora.

A dança que Nanni se refere, que valorizava a perfeição técnica, ficou conhecida como balé que posteriormente foi questionada por alguns estudiosos. Para Vargas (2007) a negação do balé deu início a um novo estilo de dança que se relacionava com a realidade, já que não deveria mentir ou mascarar o empobrecimento da vida, o novo estilo chamado “Dança Moderna” buscava resgatar a essência da dança como representação da vida, negando os movimentos mecânicos do balé. Nasce então, uma nova maneira de entender o mundo.

Depois das primeiras libertações realizadas pelos pioneiros no primeiro quarto do século passado, a dança moderna nos vem mostrando a partir dos anos trinta, contra todos os positivismos e todos os naturalismos, que é possível formar parte do real e que a missão da arte é desvendar, fazer surgir e desenvolver para participar da criação de uma vida melhor e mais rica (GARAUDY, 1980, p. 43).

Após a dança moderna surge a dança contemporânea que atribuiu à dança um significado mais completo, fazendo uma união entre a solidez da linguagem clássica e as necessidades de expressão e inovação para a formação de uma dança mais livre. Para Garaudy (1980) é possível perceber neste processo a dialética da história da dança, a dança moderna surgiu como forma de negação ao balé clássico e a dança contemporânea enquanto negação da dança moderna; a negação da negação.

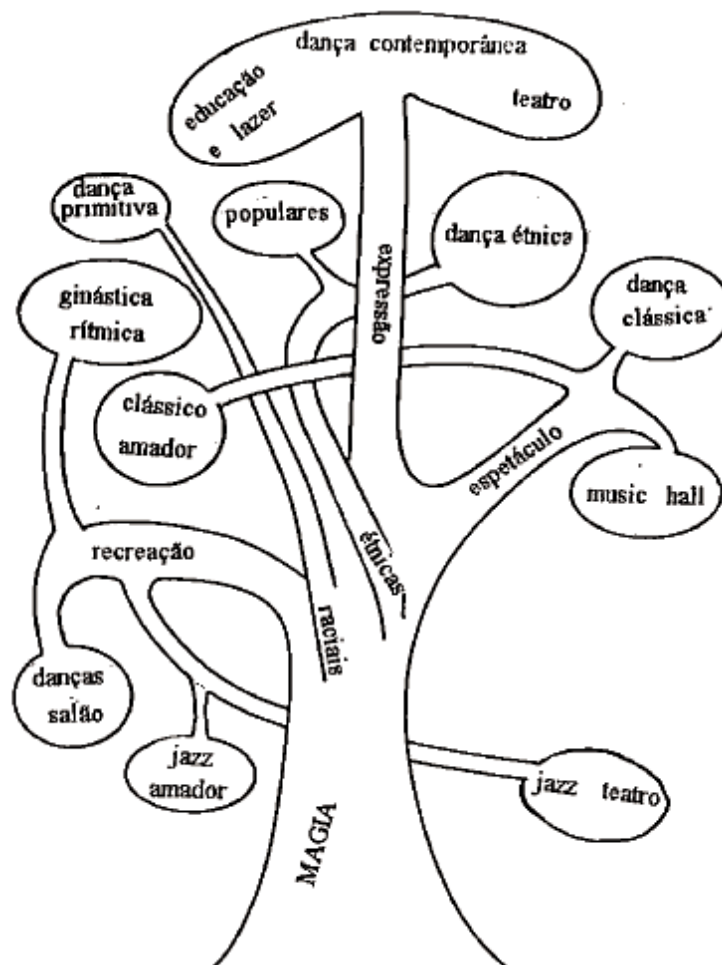
No Brasil, os primeiros registros de dança aconteceram com a chegada dos portugueses. Os índios dançavam em rituais religiosos e também em atitudes de recreação, utilizavam instrumentos como: a flauta, tambores e chocalhos. A dança indígena passou por grandes modificações com a vinda dos jesuítas (VARGAS, 2007)

Pouco mais tarde, com a escravidão vieram os negros que trouxeram sua cultura, muitos ritmos de música e dança. Essa miscigenação cultural tornou o Brasil um país rico no que diz respeito à dança. Vários estilos chegaram aqui e

modificaram-se até possuírem características puramente brasileiras. Um exemplo disso é o carnaval, que veio com os portugueses e inicialmente era chamado de “entrudo”, pois sofreu influências dos negros até chegar na festa que conhecemos hoje (PERNA, 2005).

No Brasil, de acordo com Vargas (2007), em 1920 surgiram movimentos ginásticos e suas bases elementares constituíram a prática ofertada nas academias, geralmente conduzidas por bailarinas estrangeiras. Com o passar dos anos houve uma disseminação da dança em diferentes modalidades. Robinson (1978 apud STRAZZACAPPA, 2001) apresenta na figura 1, a gênese destas diferentes modalidades.

Figura 1: A árvore da dança (ROBINSON, 1978 apud STRAZZACAPPA, 2001)



Para Strazzacappa (2001) toda dança surge da profundidade do ser humano, representado no diagrama de Robinson como o tronco “magia”, a partir deste tronco adquire três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação. A motivação mais importante situada no tronco principal é a expressão, é onde situam-se o teatro, a dança contemporânea, a educação e o lazer. Do lado direito e esquerdo estão os troncos espetáculo e recreação, respectivamente. A dança espetáculo é aquela que necessita de um aprendizado mais sistematizado pela sua complexidade, representada pelas danças clássicas. Por último, a motivação recreação, são as manifestações de dança que apresentam características lúdicas, como o jazz amador, as atividades rítmicas e a Dança de Salão, “estas manifestações de dança fazem parte do âmbito educacional” (SBORQUIA; GALLARDO, 2006, p. 29).

A dança no contexto apresentado possui um papel significativo na sociedade desde os tempos primórdios, seja como ritual, expressão artística, espetáculo, lazer, educacional, pois ela transmite valores de geração para geração, mantendo viva a cultura de uma civilização.

1.3 - A Dança de Salão como forma de manifestação da cultura corporal

Após a abordagem histórica da dança, faz-se necessário um estudo mais direcionado à Dança de Salão que é o foco desta pesquisa, tendo com objetivo ampliar o conhecimento sobre a origem, o desenvolvimento, e as manifestações desta em seus diversos gêneros.

No intuito de classificar a Dança de Salão, nos embasamos em algumas definições: a de dança popular e a de dança folclórica. Perna (2005) contribui para esta pesquisa quando explica que a Dança Folclórica é tradicional, se mantém através dos tempos e é transmitida de geração à geração, originando-se em festas ligadas a natureza, fatos históricos e religiosos; a Dança Popular surge de causas sociais, políticas que se destacam em determinado momento da história. A dança popular pode se transformar em dança folclórica quando deixar de ser uma manifestação social, saindo de moda ou quando passa a ser praticada apenas em apresentações com intuito de preservação cultural como a quadrilha¹, que era uma

¹ A quadrilha é uma dança de salão não realizada por pares enlaçados independentes, mas sim em grupos formando filas de pares de dançarinos. Era dançada pela Corte Imperial e hoje é lembrada

Dança de Salão popular e hoje é folclórica.

Assim, a Dança de Salão se enquadra como Dança Popular, e por ser uma manifestação de momento ela pode surgir a partir de outras danças de salão, sofrer modificações com o passar do tempo ou desaparecer (PERNA, 2005).

Ried (2003) afirma que a dança enquanto atividade social surgiu durante a Idade Média e o Renascimento, expressando o fato de pertencer a determinada classe social. Segundo a autora a dança das classes nobres diferenciava-se das classes baixas, e o aprendizado da mesma fazia parte da educação; a aristocracia praticava a dança da corte e o povo praticava a dança folclórica.

Em virtude dessa distinção precisa, surgiram formas refinadas e formalizadas da expressão dos padrões de comportamento prescritos pela respectiva sociedade (cortês ou popular), cuja perpetuação agora já requeria um certo grau de instrução formal, pelo menos no tocante às danças da nobreza (RIED, 2003, p. 8).

Neste contexto, surgiram os professores de dança e etiqueta, que deveriam ensinar aos jovens nobres formas refinadas de comportamento para que os mesmos fossem aceitos em seu grupo social e a dança era uma das qualidades que o indivíduo deveria possuir para fazer parte deste grupo ao qual pertencia por nascimento. Assim os adolescentes frequentavam cursos de Dança de Salão como preparação para a vida social (RIED, 2003).

As danças sociais dançadas exclusivamente pelos nobres e aristocratas, eram o Base Dance e o Pavane, século XIV (PERNA, 2005). Entre os séculos XV e XVI tornou-se uma prática apreciada tanto pelos nobres quanto pelo povo. A popularização efetiva da Dança Social aconteceu por volta de 1820 através do minueto, definido por Perna como

[...] dança francesa de ritmo ternário, de pares ainda não enlaçados, caracterizada pela graciosidade e equilíbrio dos movimentos, enquanto que as contradanças inglesas eram bailados de conjunto, sem a graciosidade do minueto, mas repletos de figuras pitorescas. No minueto, damas e cavalheiros de cabeleiras empoadas acompanhavam o andamento lento e cerimonioso da música fazendo mesuras e dando passinhos (PERNA, 2005, p. 12).

Sobre o enlaçamento de pares na Dança de Salão vale ressaltar que as

de forma folclórica nas festas de São João (PERNA, 2005, p. 36).

primeiras danças de casais não eram realizadas em enlaçamento de pares, pois se considerava pecaminoso o maior contato corporal.

As Danças Sociais foram levadas para as regiões da América no período de colonização, misturando-se as danças locais surgiam novos estilos. Também neste período essas danças chegam ao Brasil, trazidas pelos portugueses e mais tarde pelos imigrantes de outras regiões da Europa (BARBOSA, 2010 p.24).

Com a vinda da Corte portuguesa, no início do século XIX, para o Rio de Janeiro, muitos hábitos europeus, como as danças e os bailes, foram trazidos de forma ainda mais forte, pois a música e a dança eram manifestações de lazer preferidas pela Corte e pela sociedade letrada. A partir de então qualquer evento era motivo para um baile, tais como casamentos, formaturas, aniversários etc. (PERNA, 2005, p. 14).

De acordo com Perna (2005), a Dança de Salão (de pares não enlaçados), chegou ao Brasil pelos portugueses no século XVI e posteriormente por outros imigrantes europeus que vieram para o Brasil. Essa mistura de cultura europeia, juntando-se à cultura dos indígenas e à dos negros africanos, formaram a cultura brasileira relacionada à música e à dança.

O primeiro registro da Dança de Salão de pares enlaçados no Brasil data de 1837, sendo o primeiro ritmo, a valsa. Posteriormente apareceu a polca, como apresenta Rodrigues (2006, p.12 apud CIOLA, 2008 p.17)

Em seguida à valsa, aparece a polca. Essa dança, ao contrário da valsa, se popularizou rapidamente e virou uma mania. Chegou ao Brasil em 1845, na cidade do Rio de Janeiro, onde foi dançada por uma companhia francesa de teatro.

A primeira Dança enlaçada ou de Salão a se desenvolver no Brasil foi o Maxixe, conhecido como Tango Brasileiro na Europa, surgiu no Rio de Janeiro em forma de Dança, dançada ao som da Polca, mazurca e xótis; tempos depois tornou-se gênero musical.

O constante interesse fez com que os colégios femininos passassem a ensinar a dança e a música, que eram tidas como elementos obrigatórios da prática das boas maneiras e educação. Com isso, foi necessário trazer professores de danças europeias, contratados para atualizar os membros da nobreza brasileira em relação aos modismos de dança das capitais europeias. [...] Embora a dança constasse nos currículos dos colégios e fosse ministrada por professores estrangeiros e/ ou destacados, não houve intérpretes da dança clássica. Os cursos que existiram na cidade eram apenas de dança de salão. A dança à época tomou grande incremento graças à ação do prof. Lourenço Lacombe (PERNA, 2005 p.15).

Com o surgimento das discotecas a Dança de Salão deixou de ser tão praticada e perdeu sua força nos grupos elitizados, o novo modo de dançar dispensava a presença de um parceiro ou parceira, não havia a necessidade de toque. Entretanto, a Dança de Salão não desapareceu neste período como afirmam muitos autores, ela continuou nas periferias, principalmente no Rio de Janeiro, fazendo parte dos bailes populares e por estar longe da Zona Sul, elite social carioca, esteve longe também da mídia e da moda (PERNA, 2005).

Segundo Barbosa (2010, p. 26) foi em meados dos anos 80 que a Dança de Salão retornou com a Lambada, uma febre passageira no Brasil, e posteriormente o Forró trazendo novamente os jovens para os salões. Para este autor, “A dança de salão também sofre com as determinações sociais, e culturais”, pois com o crescente interesse em Dança de Salão pela mídia, o interesse por esta modalidade aumenta levando as pessoas para as academias e bailes.

1.4 - Gêneros da Dança de Salão

As Danças de Salão podem ser divididas quanto à região de origem, europeias e latinas. Dentre as danças que se originam do continente europeu destacam-se as danças mazurca, minueto, valsa, polca, bolero e passodoble. Das danças que se originaram nos países da América Latina, a partir da colonização, da cultura, dos costumes e das tradições de espanhóis, portugueses, africanos e nativos, podemos citar o mambo, o chá-chá-chá, o merengue, o tango, a lambada, o zouk, a habanera, o samba, a salsa e a rumba (GARCIA; HAAS, 2003 apud HASHIMOTO, 2009).

Barbosa (2010) ressalta que as informações sobre a história dos diversos ritmos que compõem a Dança de Salão não são homogêneas, existem explicações diferentes e contradições.

Um dos gêneros mais tradicionais da Dança de Salão é a Valsa, que segundo Perna (2005) surgiu no final do século XVIII e foi a primeira Dança de Salão a ser dançada em pares enlaçados, onde os nobres percorriam os salões com graça. Segundo o autor, as principais valsas são as clássicas vienense e inglesa. A valsa foi trazida para o Brasil pela corte portuguesa no início do século XIX, num período em que a dança e a música significavam o lazer de preferência da família

real, e qualquer evento era motivo de baile. A valsa, desde sua origem, sempre foi uma dança aristocrática e até hoje é muito praticada em eventos como casamentos, bailes de debutantes, coretos.

Nascido em Cuba, o bolero trata-se de um gênero dançado em tempo lento, geralmente em compasso 4X4 estando intimamente ligado às danças danzón e havanera, de origem cubana (MUNÓZ ; SÁNCHEZ,1993 apud HASHIMOTO, 2009). O bolero é considerado, para Hashimoto (2009) uma dança romântica realizada quase sempre ao som de letras que falam de amor e paixão.

Sobre o Samba de Gafieira, Perna (2005) afirma que antes de surgir o samba, dançava-se ao som do batuque africano, cujas raízes são provenientes do Congo e da Angola, chamada de umbigada, essa dança de ritmo forte, rápido e contagiante era a única diversão dos negros escravos. Quanto à origem da palavra samba, o autor afirma não existir concordância, não sendo possível discorrer sobre sua origem, entretanto pode-se afirmar que “[...] o samba surgiu de vários elementos africanos, entre os quais a palavra africana semba, que significa umbigada” (PERNA, 2005, p. 48). O samba de gafieira surgiu na década de 40, sendo influenciado musicalmente por ritmos latinos e americanos e ao som de orquestras e era dançado aos pares nos salões de baile públicos, chamado “gafieira”. Os bailes que aconteciam nestes salões eram considerados fuleiros, frequentados pela classe menos favorecida.

O forró é um ritmo muito dançado nas regiões nordeste e sudeste sendo uma generalização de várias danças típicas do nordeste como o baião, xote e outros (PERNA, 2005). De acordo com o autor, a origem do nome forró também tem controvérsias. Uma das versões vem do inglês “*for all*”, que significa “*para todos*” nome dado às festas que os operários ingleses da construção da estrada do nordeste participavam, os nordestinos entendiam como “*fórró*”. A outra versão, é que o “forrobodó”, nome dado às “[...] festas populares movidas à música, dança e aguardente”, já existia no Brasil quando os ingleses aqui chegaram para a construção dessas estradas e forró seria uma corruptela do termo nordestino forrobodó.

Ritmo quente e sensual, a Salsa se caracteriza pelos movimentos constantes de quadris, ombros e joelhos. De acordo com Ceribelli (2008) este estilo é derivado da habanera que é dança e música de origem cubana, cuja forma rítmica

influenciou o maxixe, o tango e outros ritmos. Segundo o autor, o nome *salsa* surgiu por volta da década de 1970, quando o gênero invadiu os bailes e as casas noturnas da América do Norte. A Salsa teve inspiração nas letras das músicas caribenhas, que utilizavam palavras como “salsa”, “sabor” e “azúcar” em suas composições, exaltando o “tempero” latino.

Perna (2005) relata que o tango é uma dança cantada que originou em Andaluzia, Espanha, no século XIX; expandiu-se pelas Américas e na Argentina misturou-se com a Habanera cubana e com a milonga *criolla* tornando-se o tango argentino. Ceribelli (2008) afirma que o tango teve origem nos bairros pobres da Argentina, sendo durante muito tempo considerada uma dança indecente.

Com descendência do carimbó e influencia de ritmos caribenhos como o merengue, a lambada é um gênero musical que surgiu no Pará em 1970, difundiu-se por todo norte do País na década de 1980, período em que foi criado o grupo multinacional KAOMA (PERNA, 2005).

CAPÍTULO II – O ADOLESCENTE E A DANÇA NA ESCOLA

2.1 - Caracterizando a adolescência

No contexto cultural, para Rappaport, Fiori e Davis (2011), a adolescência, como fase da vida, é uma invenção de determinadas sociedades. Em grupos historicamente diferenciados da cultura ocidental, não existe esse período que separa a infância da vida adulta; as crianças são consideradas crianças até que ocorram as maturações e alterações biológicas da puberdade quando passam para o grupo adulto onde constituem família, podendo existir um ritual de passagem em algumas tribos.

Com o desenvolvimento tecnológico de uma cultura, progressivamente começa-se a cobrar a formação profissional, ou seja, o período de preparação para a vida adulta. Assim, os indivíduos passam pela escola, pela universidade (graduação, pós graduação) e após todo esse período de preparação, finalmente, tornam-se reprodutores biológicos (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 2011). Coll, Marchesi e Palácios (2004, p. 311) corroboram:

A adolescência, por sua vez, é um fato psicossociológico não necessariamente universal e que não necessariamente adota em todas as culturas o mesmo padrão de características que adota na nossa, em que também houve uma importante variação histórica que, ao longo de nosso século, foi configurando a adolescência que conhecemos.

Na cultura Ocidental, o início da adolescência se caracteriza por ser um período de transição e mudanças significativas na vida do indivíduo que entre os 12 e 13 anos está assimilando um número maior de experiências físicas, cognitivas e sociais, o que favorece um desequilíbrio psicológico; é durante esse período que se estabelece a importância dos grupos de iguais, ou grupos sociais. Dentre essas mudanças significativas está a puberdade, que para Coll, Marchesi e Palácios (2004, p. 311) é considerado um conjunto de mudanças físicas que ao longo da segunda década de vida transformam o corpo infantil em um corpo adulto capacitado para a reprodução. No período final da adolescência, entre 16, 17 ou 18 anos; o jovem realiza as acomodações necessárias, construindo uma nova identidade, novos padrões de relacionamento, novos objetivos, etc. (BEE; BOYD, 2011).

Na adolescência, a auto-estima que para Santos, Xavier e Nunes (2009, p.

119) “se refere a valorização afetiva do adolescente sobre si mesmo”, assim como todos os outros aspectos passam por modificações; os jovens passam a sofrer com as pressões relacionadas à idade:

[...] as exigências sociais que definem um padrão de corpo e de beleza, a transição do ensino Fundamental para o Médio que acarreta novas responsabilidades e o início das relações sexuais que trazem a nova tarefa de buscar um par, acrescentando mais pressão sobre os sujeitos, e maior nível de insegurança (SANTOS; XAVIER; NUNES, 2009, p. 120).

Outro aspecto importante a ser discutido sobre este período são as relações com os iguais, ou seja, as amizades durante a adolescência. Como resultado da maturação cognitiva e do tempo que dedicam para falar sobre si mesmos com os amigos, os jovens passam a compreender-se melhor, sendo estas relações marcadas pela reciprocidade, pois a partir da adolescência os amigos costumam apoiar e ajudar uns aos outros; este fato apresenta um maior comportamento pró-social (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004). De acordo com os mesmos autores, a popularidade entre iguais também contribui para a autoestima já que possui um significado especial para os adolescentes, na medida que estes são valorizados e aceitos pelos amigos.

Para Santos (2011) a aceitação pelo grupo torna-se essencial, o adolescente nesta fase do desenvolvimento sente-se desconfortável e inseguro diante das mudanças já citadas, favorecendo o aumento da timidez, já que grande parte das dificuldades de relacionamento dos adolescentes, tanto com os adultos quanto com seu grupo, deriva dessa insegurança.

No final da adolescência ocorre uma transição significativa no contexto educativo, o aluno, segue uma trajetória de contradições e multiplicidade de elementos finaliza o Ensino Fundamental e inicia o Ensino Médio; essa transição costuma vir acompanhada de problemas do adolescente com a escola (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004). Segundo os autores (2004, p.364) “a diminuição do rendimento acadêmico, uma menor motivação para as tarefas escolares, o não comparecimento à aula ou o abandono da escola” são fenômenos que acontecem com frequência.

No início do Ensino Médio os adolescentes ainda estão experimentando as mudanças físicas e sociais que estão associadas à puberdade, dentre elas estão os novos interesses sexuais; os desenganos amorosos; os conflitos com os pais; os

transtornos emocionais, que contribuem para a desmotivação do adolescente com a escola, entretanto, vale ressaltar que não são todos os adolescentes que são afetados por essa transição para o ensino médio, muitos alunos não experimentam essas dificuldades, pois existem alguns fatores que influenciam positivamente para a adaptação do aluno, como exemplo uma boa relação com os pais, uma alta auto-estima, um bom rendimento escolar no ensino fundamental, dentre outras (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

No final da década de 60, como relatam Coll, Marchesi e Palácios (2004); a literatura já se referia à formação da identidade pessoal como tarefa principal da adolescência. Segundo os autores, a identidade é um fenômeno psicológico bastante complexo e de natureza psicossocial, que é experimentada em um contexto social, mesmo sendo uma característica pessoal; neste contexto o adolescente cria uma série de relações e experimenta diversos papéis.

Essa identidade vai incluir as normas dos grupos nos quais o adolescente se integra, os valores que interioriza, sua ideologia pessoal e os compromissos que assume e vai recolher as experiências do passado para dar significado ao presente e dirigir sua conduta futura (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004, p. 340).

Segundo Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvaes (2003) a construção da identidade é influenciada por três fatores; os fatores intrapessoais que estão relacionados com as capacidades inerentes ao adolescente e com as características adquiridas da personalidade, os fatores interpessoais que se referem às identificações com outras pessoas e os fatores culturais que são os valores sociais expostos ao indivíduo. Em outras palavras a mescla destes três fatores é o que constitui a identidade de cada indivíduo.

Em estudos sobre a construção da Identidade, em meados da década de 60, James Marcia realizou uma pesquisa onde entrevistou adolescentes sobre as suas decisões e compromissos relacionados aos temas vocacionais e ideológicos; a partir das respostas estabeleceu quatro níveis ou status de identidade: identidade difusa; identidade hipotecada; identidade em moratória e identidade conquistada (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

A identidade difusa pode ser explicada como o status daqueles adolescentes que não firmaram nenhum compromisso vocacional e ideológico e que não estão explorando alternativas diferentes para adotar um compromisso futuro; a identidade

hipotecada seria o status em que já se adotou um compromisso social, entretanto este processo aconteceu sem que o adolescente tenha passado por buscas e exploração; a identidade moratória corresponde aos sujeitos que estão em processo de busca e experimentação, mas que não necessariamente decidiram por uma opção ou outra, pois levam em consideração os pontos positivos e negativos das suas escolhas, segundo os autores esses adolescentes estão vivenciando a crise de identidade; por fim, a identidade conquistada se constitui da etapa final em que os jovens assumem compromissos firmes e duradouros, para Coll, Marchesi e Palácios (2004, p.341) “seria o resultado da análise de todas as alternativas possíveis e a escolha e o compromisso com uma das opções”.

Após esta abordagem conceitual sobre o período da vida que no ocidente recebe o nome de adolescência, trataremos destes sujeitos no âmbito escolar, mais especificamente nas aulas de Educação Física.

2.2 - Sentidos da prática da Dança na escola

Segundo a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional, citado por Brasil (2000), dentre os objetivos do Ensino Médio encontramos: consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental; possibilitar o prosseguimento de estudos; garantir a preparação básica para o trabalho e a cidadania; aprimorar o aluno como pessoa humana; a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos e desenvolver a habilidade como continuar aprendendo de forma a se adaptar às novas condições propostas. Ou seja, preparar o aluno para buscar melhores condições na vida adulta e para o trabalho.

A tendência do mercado de trabalho atual, é encontrar pessoas que tenham como características a liderança, que saibam falar em público e que além do conhecimento específico para a atividade que irá realizar tenha facilidade no relacionamento interpessoal, portanto pessoas que sofrem do mal da timidez acabam prejudicados. Santos (2011) aponta como dever da escola oportunizar o contato social do aluno, e estimular o desenvolvimento de novas habilidades, apresenta ainda que por meio de processos educacionais apropriados é possível amenizar os problemas causados pela timidez.

Lima (2011) afirma que no âmbito escolar, especialmente a aula de

Educação Física torna-se um espaço potencializador das relações interpessoais, por promover a socialização entre os alunos nas atividades. Essas relações são essenciais, pois como vimos no tópico anterior, o adolescente, diante das várias transformações em seu estilo de vida e também em sua estrutura corporal, sente-se desconfortável e inseguro. Neste contexto, Vargas (2007, p. 49) apresenta a dança como uma possibilidade de contribuição da Educação Física para amenizar esses transtornos da adolescência:

Podemos considerar a dança também a partir de seu aspecto terapêutico com atividades criativas e expressivas que busquem ajudar os alunos e alunas a transbordarem seus limites, medos, agressividades, passividade, angústias e timidez, levando-os a uma melhor relação consigo mesmo, com os colegas e com seu entorno.

Vargas (2007) e Marques (2007) acreditam que a dança como conteúdo da cultura corporal da humanidade possui um grande potencial educativo. Ela está intimamente ligada ao corpo, podendo propor problematizações sobre questões da adolescência como a sexualidade, através do levantamento de questões sobre o assunto, ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno escolha o melhor caminho a seguir em relação a vivência da sua sexualidade.

A dança não é simplesmente um veículo de informação e transmissão de mensagens prontas sobre a sexualidade na adolescência. O ensino da dança pode, por exemplo, incluir em seus processos artísticos discussões, problematizações e questionamentos sobre o corpo e convívio social que incluam as transformações corporais na adolescência, relações de gênero, padrões de beleza e a mídia (MARQUES, 2007, p. 53)

Ugaya (2007, p. 26) concorda com Marques (2007) quando afirma que

o aprendizado da dança não se limita à educação rítmica, ao conhecimento de passos codificados e/ou elaboração coreográfica. A dança, sob a perspectiva educativa, deve buscar atender necessidades e interesses do contexto no qual estará inserida. [...] O aprendizado dos aspectos relacionados à dança pode oferecer uma outra maneira de conceber o mundo, de vivenciá-lo e de senti-lo.

Entretanto, como defende Marques (2007) não se trata de querer capacitar os profissionais da área de Educação Física ou Artes ou formar professores para o

ensino da Dança a partir dos PCNs, mas sim que estes sirvam de parâmetros como o próprio nome diz.

Um dos objetivos da atividade da dança na escola, segundo Vargas (2007) é a sensibilização, conscientização tanto da postura, atitudes, gestos e ações diárias, como para a necessidade de expressar, criar, compartilhar e interagir com e no mundo, unir o que é de interesse individual e coletivo. A dança, na perspectiva educacional, visa desenvolver as funções mentais, tais como: “atenção, concentração, imaginação, memória, raciocínio, curiosidade, observação, criatividade, exploração, entendimento qualitativo de situações e poder de crítica”. Ela também aprimora as funções motoras, tais como: “coordenação, equilíbrio, flexibilidade, resistência, agilidade e elasticidade”, além de contribuir para o domínio espacial e corporal, e promover melhora das funções circulatórias e respiratórias (VARGAS, 2007, p.59).

Por meio das danças e brincadeiras os alunos poderão conhecer as qualidades do movimento expressivo como leve/pesado, forte/fraco, rápido/lento, fluido/interrompido, intensidade, duração, direção, sendo capaz de analisá-los a partir destes referenciais; conhecer algumas técnicas de execução de movimentos e utilizar-se delas; ser capazes de improvisar, de construir coreografias, e, por fim, de adotar atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas. (BRASIL, 1997, p. 34)

Encontra-se nos Parâmetros curriculares Nacionais de Educação Física o bloco de conteúdos “Atividades rítmicas e expressivas”. Este bloco inclui as manifestações da cultura corporal de expressão e comunicação por meio dos gestos realizados através de músicas, sons, ritmos; são as danças, mímicas e brincadeiras cantadas (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros curriculares Nacionais de Educação Física para o Ensino Médio também trazem as atividades ritmadas, como dança ou jogos musicais, como manifestações da cultura corporal (BRASIL, 2000).

O Brasil tem como característica a diversidade cultural e a dança representa uma de suas expressões mais significativas, constituindo uma enorme variedade de possibilidades de aprendizagem.

Num país em que pulsam a capoeira, o samba, o bumba-meu-boi, o maracatu, o frevo, o afoxé, a catira, o baião, o xote, o xaxado, entre muitas outras manifestações, é surpreendente o fato de a Educação Física, durante muito tempo, ter desconsiderado essas produções da cultura popular como objeto de ensino e aprendizagem. (BRASIL, 1997, p. 71)

Essas danças foram trazidas pelos africanos no período da colonização, trazidas também pelos imigrantes, aprendidas de países vizinhos, danças que se mesclaram e se transformaram do decorrer dos tempos.

Algumas preservaram suas características e pouco se transformaram com o passar do tempo, como os forrós que acontecem no interior de Minas Gerais, sob a luz de um lampião, ao som de uma sanfona. Outras, recebem múltiplas influências, incorporam-nas, transformando-as em novas manifestações, como os forrós do Nordeste, que incorporaram os ritmos caribenhos, resultando na lambada (BRASIL, 1997, p.34)

Neste contexto, é dever da disciplina de educação física disponibilizar aos alunos os conhecimentos, as vivências, as produções simbólicas e materiais que fazem parte das manifestações corporais, tornando este conhecimento democrático aos grupos envolvidos, pois essas riquezas culturais como bens socialmente produzidos devem ser praticados e experimentados, tendo como fim a aprendizagem e o intercâmbio cultural (BRASILEIRO; MARCASSA, 2008). Para estes autores,

cabe à escola fornecer novas referências que permitam sair da visão utilitarista de conhecimento, possibilitando o entendimento da produção cultural, que é bastante diversificada em suas formas e em seus processos de criação e apresentação, não só para o desfrute, o prazer e o enriquecimento humano, mas também para compreender e avaliar [...]

Corroborando com esta afirmação, Soares (2012, p. 82) afirma que

faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através da tematização das origens culturais, sejam do índio, do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania.

Barbosa (2010) concorda com Brasileiro e Marcassa (2008), afirmando que a escola é um lugar onde se pode vivenciar o diálogo com as várias faces da cultura. A autora ainda acrescenta a dança, em aspectos gerais como possibilidade de diálogo e a expressão através do corpo. Para ela a Dança de Salão assim como outras danças, faz parte deste processo já que também contempla o acervo cultural brasileiro, e também proporciona “momentos de lazer, socialização, atividades físicas, aquisição de novas habilidades, entre outros” (2010, p. 32).

Apresentaremos, no próximo capítulo, a pesquisa desenvolvida tendo como tema central aulas de Dança de Salão no Ensino Médio.

CAPÍTULO 3 - A DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO

3.1 - Aspectos Metodológicos

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as contribuições da Dança de Salão na construção da identidade dos adolescentes praticantes. O referido estudo recebe uma abordagem qualitativa, pois esta abordagem segundo Godoy (1995, p.58)

[...] não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Para alcançar o objetivo, a pesquisa foi dividida em três momentos. O primeiro momento foi de revisão bibliográfica, no intuito de analisar alguns conceitos como de movimento, dança, adolescência para embasar a discussão.

Feita a revisão, foram realizadas intervenções na Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, localizada no município de Muzambinho – MG. A escolha desta instituição se deu devido a pesquisadora se encontrar em processo de estágio obrigatório no local.

A amostra foi constituída por 73 adolescentes de ambos os sexos entre 14 e 16 anos de idade, divididos em duas turmas do 1º Ano do Ensino Médio (1º Ano B e 1º Ano D). Para a escolha destas duas turmas levou-se em consideração a quantidade aproximada de meninos e meninas, sendo possível assim a formação dos pares para a Dança de Salão.

Foram apresentados os objetivos do estudo e os procedimentos para os responsáveis pela turma, sendo estas a professora de Educação Física e a diretora da escola, que assinou um termo de consentimento para a realização do projeto. Estes mesmos objetivos foram apresentados também para amostra.

Para a intervenção foram elaboradas e aplicadas 8 aulas, sendo uma aula

semanal de 50 minutos, o que contempla 2 meses de duração. O instrumento de pesquisa utilizado foi o Memorial Descritivo, que característiza-se por retratar as maneiras de pensar dos indivíduos diante de diferentes situações, é um registro de como o aluno analisa os acontecimentos. Desta forma, o conteúdo de um memorial se refere às emoções, medos, ansiedades, angústias, prazeres, crenças e valores. Segundo Negrine (2004, p. 85) “o memorial descritivo, como instrumento de coleta de informações pode ser utilizado para análise de depoimentos registrados de situações vivenciadas”.

Como instrumento de coleta, foi entregue aos alunos uma folha em branco e foi estimulado que eles relatassem, individualmente, sobre o interesse na disciplina de Educação Física, o gosto pela dança e os conhecimentos sobre a Dança de Salão; os sentidos, significados e sensações que alcançaram com a prática da dança através das aulas ministradas no projeto. Os alunos produziram dois memoriais descritivos, sendo o primeiro após a primeira aula e o segundo na 8ª aula, para que fosse possível a comparação das respostas.

Para análise dos dados, procurou-se comparar as percepções dos alunos em relação a Dança de Salão e suas possibilidades de prática e se as aulas contribuíram para a construção da identidade no que diz respeito ao relacionamento interpessoal. Além desta análise também foi realizada a comparação entre os memoriais dos alunos bem como os registros produzidos por esta pesquisadora no decorrer de cada aula.

3.2 – As aulas

Por meio das observações das aulas de Educação Física dos primeiros anos do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida, durante o período de observação do estágio obrigatório, percebeu-se que as aulas possuíam caráter esportivista, quase sempre futebol, handebol e vôlei; percebeu-se ainda que meninos e meninas não realizavam as atividades juntos, existia o momento em que a quadra ficava disponível para os meninos e enquanto isso, as meninas ficavam no pátio jogando vôlei ou até mesmo num cantinho da quadra brincando com uma bola de handebol; em outro momento a quadra ficava disponível para as meninas que jogavam, quase sempre, handebol.

A partir disso, e como o objetivo deste trabalho é a análise da influência da

Dança de Salão na construção da identidade de adolescentes praticantes, surgiu a necessidade de se estudar formas de ministrar aulas de Dança de Salão para este público de forma que as essas aulas motivassem a participação de todos, sem a segregação de gêneros, já que a Dança de Salão é um tipo de dança dançado a dois.

As aulas foram elaboradas de forma a contemplar a participação de todos, pois como citado acima, os alunos não tinham experiências no dia a dia das aulas de Educação Física de realizarem atividades juntos, tão pouco com as mãos dadas ou abraçados.

A primeira aula teve início com a apresentação da proposta para a Dança de Salão, sem entrar em detalhes dos objetivos da pesquisa para que este conhecimento não interferisse nos resultados finais. Após a apresentação iniciou-se uma prática rápida para diagnosticar as vivências corporais de ritmo e movimentos de forró, que é uma dança muito apreciada na região. Esta prática iniciou individualmente, sendo, cada adolescente dançando sozinho para que eles aprendessem alguns passos. Após isto, foi pedido que os alunos formassem pares para praticar os passos aprendidos dançando apenas de mãos dadas com um parceiro.

Nas duas aulas que se seguiram, foi apresentado o filme "Vem Dançar", protagonizado por Antônio Bandejas que conta a história real de um professor de Dança de Salão de uma academia de elite dos Estados Unidos chamado Pierre Dulaine que iniciou o programa popular que levou a Dança de Salão às escolas públicas de Nova York. Assim, foi possível através do diálogo discutir com os alunos sobre a Dança de Salão e suas possibilidades, e refletir sobre a fala inicial dos alunos de que Dança de Salão era uma dança para pessoas mais velhas.

Nas aulas seguintes iniciamos o Sertanejo Universitário enquanto Dança de Salão, por ser o sertanejo um ritmo que faz parte da cultura nas regiões mineiras, na cidade de Muzambinho e é um ritmo apreciado pelos adolescentes da Escola Estadual Professor Salatiel de Almeida. Em estudos relacionados aos gostos musicais de adolescentes, Santos (2010) apresenta:

Dentre os vários estilos musicais pelos quais os adolescentes demonstram suas preferências, a investigação destaca o estilo Sertanejo Universitário. A música sertaneja desde a década de 60 vem apresentando mudanças significativas em vários aspectos, e isso se deve à incorporação de

elementos associados à estrutura musical, adequação aos instrumentos elétricos (guitarra, contrabaixo), mistura de ritmos, dentre outros.

Para tornar a aula mais atrativa e motivar a participação dos alunos, procurou-se saber quais eram as músicas sertanejas mais apreciadas por eles, dessa forma desconstruímos a ideia dos alunos sobre a Dança de Salão, trazendo este estilo como algo mais próximo da realidade deles.

Foram 3 aulas de Sertanejo Universitário, na primeira aula, iniciamos dançando individualmente para aprender os passos básicos, depois juntamos os pares; alguns meninos não se sentiram muito a vontade, outros participaram sem demonstrar desconforto. Neste momento os alunos dançavam com as mãos unidas, ainda não caracterizava a Dança de Salão de pares entrelaçados/ abraçados, pois os adolescentes estavam começando a se acostumar com esta prática. Já na segunda aula iniciamos a postura da Dança de Salão: meninos com a mão direita nas costas da dama e segurando com a mão esquerda a mão da dama e meninas com a mão esquerda no ombro do cavalheiro. Neste momento os alunos já não se sentiam mais desconfortáveis com a postura da Dança de Salão. Na terceira e última aula criamos uma coreografia para praticar os passos aprendidos, foi uma aula prazerosa para os alunos que participavam e aqueles que não participavam demonstravam interesse, mas eram tomados pela vergonha.

3.3 – Resultados e Discussão

Para pautar a discussão do presente trabalho foram estabelecidas variáveis como a percepção dos alunos em relação à Dança de Salão, o sentimento destes ao dançar, a prática da dança nas aulas de Educação Física e a contribuição desta modalidade na construção da identidade dos alunos.

A Dança de Salão como proposta para as aulas de Educação Física no Ensino Médio se justifica, pois ela “agrega o convívio social à sua prática que pode servir de instrumento para ações cooperativas” que são importantes para a construção dos indivíduos em suas relações interpessoais e intrapessoais.

As relações interpessoais são muito trabalhadas na dança de salão e, através delas, as intrapessoais. A solução dos problemas motores na situação aos pares, seguindo um determinado ritmo musical e uma trajetória num salão que deve ser respeitosamente compartilhada com outros, coloca

os executantes em situações ímpares de enfrentamento consigo mesmo e com seus parceiros(as) (VOLP, 2010, p. 4).

A identidade é influenciada por três fatores; os fatores intrapessoais, os fatores interpessoais e os fatores culturais que são os valores sociais expostos ao indivíduo (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003). Neste contexto, percebe-se uma relação entre Dança de Salão e a identidade já que, Volp (2010) afirma que esta dança influencia nas relações interpessoais e intrapessoais que são os fatores influenciadores da identidade.

Ao iniciar as aulas percebeu-se que alguns alunos demonstraram um certo descontentamento por se tratar de Dança de Salão, alguns comentários foram muito constantes:

“Credo! Dança de Salão é coisa de velho...”
“Eu não vou dançar isso não, nem a minha avó dança isso!”

Poucos alunos ficaram realmente animados com a proposta. Barbosa (2010) afirma que “a dança de salão apresenta um fator que pode dificultar a sua aceitação, mas também pode ser um início para a discussão de questões de suma importância para a formação do adolescente. Esse fator é por se tratar de uma dança a dois”.

Para desconstruir a ideia dos alunos de que Dança de Salão é coisa de velho e que jovens não a dançam, a apresentação e discussão do filme “Vem Dançar” foi essencial, pois a amostra, com raras exceções, não conhecia a Dança de Salão como realmente é praticada, apenas tinham a imagem de Dança da Terceira Idade. No segundo Memorial Descritivo alguns alunos comentam:

“Para mim, dança de salão é uma dança muito interessante é aquela que se dança em dupla, muitos acham que dança de salão é coisa de gente idosa, mas está muito enganado, é uma dança linda e muito interessante.” (Aluna A – 15 anos, turma B)

“Para mim dança de salão é coisa para todas as idades” (Aluno J – 15 anos, Turma B).

“Eu achava que dança de salão era para velhos, mas na segunda aula já

mudou, é muito bom. Eu percebi que era muito diferente, eu comecei a gostar e participei de todas as aulas” Aluna I – 15 anos, Turma D).

Essa mudança de pensamento foi essencial, pois o adolescente é motivado pelo grupo em que está inserido; se um dos integrantes pensa que dança é uma prática associada, apenas, à Terceira Idade; logo todos compartilham da mesma opinião.

No início da primeira aula realizamos atividades de dança individual, nesse momento a maioria dos alunos fez a atividade proposta, mas quando solicitamos que formassem casais quase todos os meninos sentaram e algumas meninas também. No Memorial Descritivo produzido na segunda aula, eles relataram:

“no começo foi legal porque era separado, mas quando foi para formar duplas eu não gostei porque eu não conhecia as meninas e também fiquei com medo de errar os passos e pisar no pé delas” (Aluno B, 14 anos – turma B)

“começamos aprender alguns passos separados, mas depois juntamos pares para concluir a dança e eu senti um pouco de vergonha [...]” (Aluna J, 15 anos - turma B)

“aprendemos os passos iniciais e depois dançamos em casal. Eu não dancei em casal porque eu estava com um pouco de vergonha” (Aluno M, 15 anos – turma D)

Através destes relatos e também da observação, percebemos que inicialmente houve desconforto por parte dos alunos com a prática da dança de casais, o sentimento de vergonha estava muito presente entre os alunos das duas turmas. Sobre o sentimento de vergonha Taille (2004, p. 80) explica que

a palavra vergonha pode se referir a duas situações diferentes no tempo. Uma delas está no presente: sentimento penoso de baixaza, de confusão. Outra no futuro: sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrúpulos, etc., timidez, acanhamento, medo da desonra.

Um fator que contribuiu negativamente para aumentar este sentimento de

vergonha foi o fato de que tanto os alunos da turma B quanto os alunos da turma D não se conheciam muito bem, por serem turmas formadas com alunos de diferentes salas e também de outras escolas, visto que a intervenção ocorreu no início do ano letivo; isso enfatizou a insegurança dos adolescentes pelo medo do ridículo ou de serem estereotipados pelos colegas.

Nesse sentido, Darido (2012) defende a Dança de Salão enquanto prática importante para desinibir os praticantes, por se tratar de um trabalho em duplas. Para a autora a Dança de Salão exige que os passos sejam executados por duplas mistas e “essa exigência possibilita aos alunos conhecerem melhor o parceiro, o próprio corpo, e ainda perderem o medo do contato, que deve se dar sempre de maneira respeitosa.”

No ambiente da Educação Física escolar a dança destaca-se por ser praticada mais pelo gênero feminino, sendo uma atividade motivada principalmente pelo divertimento e sensação de prazer, entretanto, percebemos que a ausência de interesse do gênero masculino pela dança é algo construído socialmente e culturalmente. Notamos ainda que o fator cultural a respeito do machismo exerce uma influência muito grande nos padrões de comportamento desses participantes.

Aluno P, 15 anos – turma B

Memorial 1: *“Não gosto de dançar não, não levo jeito com a coisa e na aula passada nem tentei. Eu acho que dança pra homem não é muito certo não, acho mais coisa de mulher.”*

Memorial 2: *“Eu fiz só algumas das aulas, não fiz todas porque não gosto de dançar, acho coisa de mulher, mas com as aulas que fiz não tenho que reclamar, eu gostei sim”*

Através desta fala percebemos que as questões culturais estão muito presentes nas atitudes e nas falas dos adolescentes. Supondo que o aluno citado acima tenha sido criado em uma família em que homem é o sexo forte, viril, que não chora e não dança; este aluno irá expressar estes fatores se negando a realizar este tipo de aula e alegando como motivo aquilo que sempre ouviu; que dança é coisa para mulheres. Sobre a questão de gênero Andreoli (2010, p. 109) afirma que este é o “processo pelo qual as diferenças sexuais dos corpos de homens e mulheres são

trazidas para dentro das práticas sociais, de forma a adquirirem significados culturais”, assim, a educação de meninos e meninas implica um processo de ensino e aprendizagem de valores, atitudes de vida e até de posturas corporais diferentes para cada sexo.

Contudo, este aluno, mesmo acreditando que dança é coisa de mulher, teve que realizar as aulas de dança, pois como todas as disciplinas a Educação Física também é pontuada, e no final acabou gostando desta prática.

Através das aulas de Educação Física, segundo o PCN, espera-se que um aluno do Ensino Médio tenha uma “ampla compreensão e atuação das manifestações da cultura corporal” (BRASIL, 2000). Esta ampla compreensão se dá pela vivência de atividades diversas da cultura corporal, o que significa que não somente os esportes devem ser trabalhados nas aulas de Educação Física. Assim, a partir das aulas ministradas os alunos também foram capazes de perceber que as aulas de Educação Física abrangem outras áreas que não as esportivas, como estavam acostumados.

“Foi bem legal ter essas danças nas aulas de Educação Física, pois além de vermos que essa disciplina não é só o esporte, divertimos e aprendemos muito com os colegas.” (Aluno B – 15 anos, Turma B)

Com o intuito de entender as percepções e a evolução dos alunos em relação à prática, foram comparados as falas mais presentes nos dois memoriais:

Aluna R, 15 anos – Turma B

Memorial 1: *“[...] eu não gostei muito porque eu não sei dançar e dança não é minha praia.”*

Memorial 2: *“No começo eu não gostava muito, mas era porque eu tinha muita vergonha depois eu comecei a ver que dança não é um bicho de 7 cabeças”*

Aluna J, 15 anos – Turma B

Memorial 1: *“Eu senti um pouco de vergonha pois não curto muito dançar”*

Memorial 2: *“As últimas aulas foram bem melhores do que a primeira, porque no começo eu não sabia nada, depois no final que eu peguei o jeito da dança.”*

Aluna M, 15 anos – Turma D

Memorial 1: *“No começo fiquei com vergonha [...]”*

Memorial 2: *“Na aula de Sertanejo já tava mais tranquila do que as outras e tava dançando que não parava mais, fui até ajudante da professora!”*

Aluno T, 14 anos – Turma D

Memorial 1: *“Na última aula de Educação Física eu dancei sozinho e foi tudo bem, quando dancei com uma garota não consegui fazer os passos”.*

Memorial 2: *Quando eu comecei a dança eu não senti vergonha, eu comecei a zoar pensando que era besteira, na 3ª aula comecei a gostar da dança, não podia perder mais nenhuma aula. Vi que dança também é legal.*

Ao analisar os Memoriais Descritivos do início e do fim do projeto, as anotações no diário de campo e as observações feitas por esta pesquisadora, ficou perceptível que no início os alunos não gostavam de dançar, pois tinham vergonha e estavam acostumados com outro tipo de aula de Educação Física além de nunca terem vivenciado a Dança de Salão. No final do projeto os mesmos manifestaram a diminuição da vergonha e o gosto pela dança, pois esta era muito prazerosa, tanto para os que praticavam quanto para aqueles que escolhiam ficar apenas olhando. As últimas aulas foram tão contagiantes que era possível perceber o desejo de dançar de alguns alunos que não faziam as aulas por vergonha ou por não gostar de dançar. Segundo Ried (2003, p.22)

Pesquisas recentes mostraram que a prática da Dança de Salão pode ser relacionada positivamente com estados emotivos positivos, permitindo a conclusão de que a Dança de Salão exerce uma influência positiva sobre o estado emocional do praticantes.

A arte da Dança de Salão envolve o corpo todo, estimula a emoção do indivíduo e o respeito ao próximo em sua plenitude, estimula a socialização e diminui o sentimento de vergonha, que como vimos nos memoriais descritivos é o principal fator negativo apresentado pelos alunos. Para Fonseca, Vecchi e Gama (2012, p. 2) “questões como a timidez e dificuldade de sociabilização podem ser superadas ao som da música e no ritmo de cada indivíduo, pois a dança exige comunhão e

respeito com outro, seja ele o(a) parceiro(a) com quem se dança ou sejam os outros casais.”

Nas aulas de dança os alunos experimentam diversos sentimentos e relacionam-se entre si, essa experiência é importante para a formação de um indivíduo que saiba se relacionar com as pessoas, pois a vida é constituída de relações que acontecem durante toda nossa existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Dança de Salão pode ser uma excelente ferramenta nas aulas de Educação Física, pois trabalha a socialização e desenvolve o relacionamento interpessoal dos alunos. Verificamos, através dos estudos realizados e das referências consultadas, que a dança constitui em um palco de variadas possibilidades, nas quais o reconhecimento do corpo e seus movimentos favorecem o desenvolvimento dos estudantes enquanto sujeitos da própria existência e na formação de sua identidade através das experiências que a dança nos proporciona.

Todas as variáveis discutidas acima; a percepção dos alunos em relação a Dança de Salão, os sentimentos destes ao dançar, a prática da dança e as questões de gênero podem contribuir para a formação da identidade dos alunos, pois como vimos no decorrer do trabalho as vivências na adolescência influenciam na construção dessa identidade. Assim, o adolescente que vivencia qualquer tipo de dança, se tornará um indivíduo mais sensível e sociável.

Um dos fatores muito presentes nos relatos dos alunos foi a vergonha. Este sentimento deve ser discutido na escola, pois existem adolescentes muito tímidos que acabam prejudicados por este sentimento durante toda a vida, tendo dificuldades de relacionamento na escola, dificuldades de se expressar em uma entrevista de emprego por medo ou insegurança. Se o aluno vivencia todos esses sentimentos ruins neste período da vida, a adolescência, que é o momento de formação da sua identidade, possivelmente ele terá problemas futuros.

Percebemos que a Dança de Salão se constitui também em um instrumento capaz de estimular o educando a restabelecer a autoestima, o respeito, a valorização do corpo, a socialização, a confiança, a disciplina, o trabalho em equipe, dentre muitos outros. Assim, ela, além de ser uma atividade física, ainda promove à consciência corporal, e reflexões sobre as questões de gênero, questões necessárias tendo em vista o mundo, ainda machista, em que vivemos.

A interação com o outro, também vivenciada nas aulas de dança, pode proporcionar aos alunos mudanças na maneira de enxergar o mundo e atuar nele, as atitudes diante de determinados fatos e diante de sua própria vida, o que contribui também para a formação e a consolidação da identidade do adolescente.

Como lição de tudo que se passou durante o envolvimento com este projeto,

acreditamos que, na escola e em qualquer outro ambiente, o profissional de Educação Física deve arriscar, pois muitos duvidaram que este projeto de dança de casais daria certo, por este tipo de dança não estar presente na vida dos alunos, não fazer parte da cultura deles. Mas é dever do professor de Educação Física, ousar; pois espera-se que esta disciplina proporcione ao aluno uma ampla compreensão e vivência das mais diversas manifestações da cultura corporal.

REFERÊNCIAS

ABREU, Everton Vieira; PEREIRA, Luciane Terezinha Zermiani; KESSLER, Edio José. J. **Timidez e motivação em indivíduos praticantes de Dança de Salão**. Conexões, Campinas, v. 6, nº especial, 2008. Disponível em: <<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/feff/include/getdoc.php?id=1487&article=342&mode=pdf>>. Acesso em: 02 de jan. 2013.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural**. Conjectura, Caixas só Sul, v.15, n. 1, jan./abr. 2010.

ARTAXO, Ines ; MONTEIRO, Gizele de Assis. **Ritmo e Movimento: Teoria e prática**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

BARBOSA, *Giselle* Fernandes. **Dança de Salão como pratica educativa nas aulas de educação física: o ensino médio no contexto**. 2010. 48f. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. Trad. Criatina Monteiro. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 568 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física – Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASILEIRO, Livia Tenorio; MARCASSA, Luciana Pedrosa. **Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança**. Pro-Posições, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008

CERIBELLI, Cínthia. **Dança: bem-estar e autoconfiança**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

CIOLA, Giuliana. **Critérios para avaliação de escolas de Dança de Salão: uma proposta e um estudo de caso em campinas**. 2008. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

COLL, Cesar; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesús. (orgs) **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina (org.). **Educação Física e temas transversais**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FONSECA, Cristiane Costa; VECCHI, Rodrigo Luiz; GAMA, Eliane Florencio. **A influência da dança de salão na percepção corporal**. Motriz, Rio Claro, v.18 n.1, p.200-207, jan./mar. 2012

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas - RAE, v.35, n.2, mar./abr., 1995, p.57-63.

HASHIMOTO, Irene Yoko. **Análise de fatores motivacionais em praticantes de dança de salão**. 2009. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2009.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto Salomão. São Paulo: Summus, 1978.

LIMA, Rafaella Gomes. **A dança nas aulas de Educação Física enquanto experiência de relações interpessoais**. 2011. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Estadual de Londrina - Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

NANNI, Dionísia . **Dança Educação – Princípios, Métodos e Técnicas**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995a.

_____. **Dança-Educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995b.

_____. **Ensino da dança: enfoques neurológicos, psicológicos e pedagógicos**

na **estruturação/ expansão da consciência corporal e da autoestima do educando**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

NEGRINE, A. Instrumento de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, A. N. S. e NETO, V. M. **A pesquisa qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

PERNA, *Marco Antonio*. **Samba de Gafieira: a História da Dança de Salão Brasileira**. Rio de Janeiro: O autor, 2005.

RAPPAPORT, C. R; FIORI, W. R; DAVIS, C. **A idade escolar e a adolescência**. Vol.4. São Paulo: E.P.U., 2011.

RIED, Bettina. **Fundamentos de Dança de Salão: Programa Internacional de Dança de Salão**. Londrina, Midiograf, 2003.

SANTOS, Daniela Oliveira dos. **Adolescentes e o sertanejo universitário: o gosto como uma atividade reflexiva**. I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO. Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010
<http://www.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010-DanielaOliveira.pdf>

SANTOS, Michele Steiner dos Santos; XAVIER, Alessandra Silva; NUNES, Ana Ines Belem Lima. **Psicologia do Desenvolvimento – Teorias e temas Contemporâneos**. Brasília: Líder Livro, 2009.

SANTOS, Solange Gueiros dos. **“Penso, logo danço” : método para ensino de dança de salão**. 115f. Trabalho de Conclusão de curso (graduação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SCARPARTO, Marta Thiago. **O corpo cria, descobre e dança com Lagan e Freinet**. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório**. Estudos de psicologia 2003, 8(1) 107-115.

SOARES, Carmen Lúcia (et al). **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SBORQUIA, Silvia Pavesi.; GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. **A Dança no contexto da Educação Física.** Ijuí, Unijuí, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** In: Cadernos Cedes: dança educação, ano XXI, n. 53, abril 2001. disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005

TAILLE, Yves de La . **Vergonha, a ferida moral.** 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UGAYA. Andressa de Souza. **A dança na formação docente em educação física.** 2011. 186f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2011.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. **Escola em dança: movimento, expressão e arte.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

VOLP, Catia Mary. **A Dança de Salão como um dos conteúdos de dança na escola.** Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.215-220, jan./mar.2010.

ZOTOVICI, Sandra Aparecida. **Pés no chão e a dança no coração: um olhar fenomenológico da linguagem do movimento.** 2001. 166f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.